

Nas satélites, novos e reformados projetos

Transmitir conhecimentos, o objetivo da Fundação

CORREIO BRAZILIENSE

22 OUT 1985

Além de gerenciar as pautas dos teatros da Praça de Taguatinga e de Sobradinho, o único vínculo que a Fundação Cultural do Distrito Federal mantém com as cidades-satélites é o projeto **Platêia Ativa**, uma visão reformada do antigo Projeto Platêia, que visa a integração entre as escolas da rede oficial e as atividades culturais produzidas na cidade. Só que, longe de apresentar mudanças substanciais, o projeto continua sendo levado à revelia das necessidades, das diferenças e dos anseios da população de cada centro.

O antigo Projeto Platêia era defasado da realidade cultural do Distrito Federal, uma vez que consistia somente em levar aos diversos auditórios das satélites eventos já exibidos no Plano Piloto. Sem qualquer renovação e sem questionamentos, reflexões. Os espetáculos (de teatro, dança ou música) eram apresentados para um público basicamente composto de crianças, estudantes dos núcleos de ensino oficial que eram quase que obrigados a assisti-los quietas, em filas. A atração acontecia, vinham os aplausos e fim. Nenhuma transformação na vida de qualquer um dos dois lados: nenhum acréscimo.

Quando a atual administração da Fundação Cultural assumiu, o projeto foi repensado e incluíram em seu nome a palavra **Ativa**, com o objetivo de integrar a população no fazer artístico. Ou seja, qualquer artista que fosse fazer uma exibição nas satélites teria que levar

seus instrumentos de trabalho e, posteriormente, conversar e explicar sua atuação na arte. Só que isto não aconteceu.

Segundo o diretor do órgão, Luiz Humberto, tal situação decorre da própria falta de preparação dos professores de educação artística dos centros de ensino das cidades-satélites: "Nós apresentamos à Fundação Educacional um período de reciclagem do quadro de professores da área de arte-educação nas satélites, mas até agora estamos sem resposta". E complementa: "Muitos dos professores destas disciplinas antes lecionavam nas áreas de Moral e Cívica e Religião. Ou seja, não estão devidamente preparados para compreender o que estamos propondo".

Outro problema: poucas são as satélites que possuem espaços para as apresentações. E quando estes mesmos existem, não têm os equipamentos necessários. Coloca Tetê Catalão, chefe de gabinete de Luiz Humberto: "Não há o mais básico nestes espaços. E preciso instrumentalizar as pessoas para o fazer artístico".

Existe ainda o próprio desconhecimento das peculiaridades de cada cidade-satélite. Para isto, a Fundação Cultural está preparando um seminário que reunirá representantes das associações de arte e cultura e similares: **Fala Satélite**. O objetivo: possibilitar a autonomia administrativa e financeira de cada satélite em seu processo cultural.

Criar situações para a transmissão de conhecimentos. Esta é a maior preocupação da atual gestão da diretoria da Fundação Cultural do Distrito Federal. A equipe está completando, este mês, seis meses de atuação no órgão, o qual já recebeu com grandes problemas orçamentários, alguns projetos ameaçados de extinção, outros levando uma existência sedentária e muitos cumprindo papel meramente ficcional. E a maior e principal questão: a falta de elaboração de uma política cultural determinada.

Para se compreender o papel que a Fundação Cultural desempenha na cidade, é preciso que seja revista a própria história de Brasília. Em linhas gerais: Brasília foi — além de sede do poder antidemocrático — a cidade que mais sofreu com os desvios econômicos do País. Ilhada, adlada constantemente, a capital federal ficou sempre impossibilitada de captar e desenvolver um fluxo limpo de informações. E as pessoas que gerenciavam a cultura local quase sempre eram escolhidas entre uma gama de acomodados, integrantes de um time absolutamente medíocre e que pouco ou nada tinham a ver com a realidade da cidade. E nem se interessavam em tê-lo. Ao redor do Plano Piloto, as Cidades-Satélites cresciam à revelia do poder central, também contando com pouco ou nenhum apoio oficial para a área de cultura.

No meio deste quadro confuso estava a atuação da Fundação Cultural. Ora, numa cidade on-

de se encarava cultura como série de eventos, dos quais não se tiravam quaisquer transformações, o gerenciamento da cultura não poderia ser feito de outra forma senão de acordo com a programação destes mesmos eventos, espasmódica: Ou seja, nem de longe o trabalho do órgão tinha definido o fato da cultura ser um processo feito e vivido por todos, que se move na medida em que o conhecimento flui. O resultado desta postura foi a elaboração de projetos paternalistas e inconsistentes — como o antigo Projeto Platêia — ou elitistas e insosos — como as faraônicas óperas.

Num momento de transição política — como o atual — o que acontece é a aglutinação geral de iniciativas. Sem afinar para o caráter antropológico do processo cultural, todos se põem a fazer planos, elaborar projetos. Resultado: a celebração do vácuo.

Neste quadro tomou posse a diretoria da Fundação Cultural. Já estavam dois terços do orçamento comprometidos pela administração anterior; pautas de programação das salas de espetáculos preenchidas até o final do ano; inadequada infraestrutura nos auditórios das cidades-satélites; falta de critérios para o atendimento aos produtores culturais locais e independentes; equipe técnica desagregada e inexistência de critérios para incorporação de obras-de-arte ao acervo da Fundação, entre muitas outras questões.

Elaborado o diagnóstico, a

equipe partiu para a elaboração/execução de antigos e novos projetos, reformulando o plano de trabalho com a inclusão de suplementação de verbas para atender a programação estabelecida em regimento interno. Neste item, aconteceram o XVIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e o XIX Encontro Nacional de Escritores. E foram criados quatro núcleos de trabalho, além dos 19 já existentes: Meio Ambiente, Imagem (fotografia, cinema e vídeo), Assuntos Comunitários e Dança. A partir daí também nasceram 15 projetos, estando outros 23 em fase de elaboração.

Para o diretor do órgão, Luiz Humberto, a produção artística do Distrito Federal está principalmente dividida em três vetores: teatro, dança e música. "Na área de cinema não dispomos dos orçamentos necessários. O que desejamos é criar situações de transmissão de conhecimentos. Uma das vertentes desta idéia é a linha de seminários que será criada, até para sensibilizar a iniciativa privada. Mas muito em função de repensar a função dos diversos projetos". Ele também apresentou a significativa elevação da frequência de público e da produção artística: somente neste período as atividades subiram em 69% em cinema; 130% em teatro e 37% em música, além de contar com 57 eventos feitos para a transmissão de conhecimentos, através do projeto **Cara a Cara**.